

Jovens tecnologias, novas juventudes

Angela Schirmer Simão*

Cada sociedade tem uma relação com o tempo e o espaço que se dá de acordo com suas necessidades e sua organização.

Na Idade Média o significado do espaço estava dividido entre o do corpo, onde vivemos, e o da alma, para onde iríamos depois da morte. Orientava-se a vida pelo mundo espiritual, que era dividido entre céu, inferno e purgatório, sendo que no primeiro a alma seria liberta do corpo e finalmente encontraria a felicidade.

Já na Modernidade o tempo e o espaço são independentes, e a noção dualista da Idade Média parece ter sido abandonada. O tempo no Iluminismo é o do relógio, coletivo tempo que rege a vida na cidade. Porém, o final do século 20 indica um novo desenho de espaço, onde a carne não penetra. Ele é chamado por muitos de espaço virtual ou ciberespaço. Nele, a tecnologia parece ser encarada como a nova manifestação de espaço que possibilita interações entre os mais diversos sujeitos, que muito frequentemente não se encontram presencialmente.

O espaço virtual ou ciberespaço retoma, de certo modo, a tradição interrompida pela Modernidade (onde não havia lugar para a alma), na medida em que resgata o dualismo material / imaterial. Na Grécia, o espaço imaterial era o Olimpo, onde habitavam os deuses.

Sabemos que, na cultura ocidental, talvez por herança de um processo histórico de civilização cristã, temos tendência ao dualismo, associamos imaterialidade com espiritualidade. Do espaço virtual parece surgir, em alguma medida, um sentido de religiosidade, que exclui

O espaço virtual ou ciberespaço retoma, de certo modo, a tradição interrompida pela Modernidade (onde não havia lugar para a alma), na medida em que resgata o dualismo material / imaterial.



contudo a noção de Deus enquanto manifesta por meio da crença na imortalidade ou na possibilidade de ressurreição. É uma ideia de vida eterna que, ao menos nos romances ciberpunks, não se associa a Deus ou à religião, e onde ficção científica e ciência encontram um ponto de convergência na repulsa ao corpo – por ser, nesse caso, uma carne que impede a perfeita integração com o mundo digital.

Parece nascer daí uma ojeriza ao corpo e, ao mesmo tempo, uma fantasia de se livrar dele para viver eternamente no mundo virtual. Reconhecer que a mente funciona de forma condicionada ao uso do corpo não é, nesses casos, uma ideia bem aceita. Disso resulta uma concepção de relação corpo/mente semelhante ao dualismo religioso corpo/alma. Nos dois casos o corpo parece ser algo pesado, que atrapalha o desenvolvimento do que realmente importa, e que talvez pudesse ser descartado visando a tornar possível a “verdadeira vida”. O mundo material passa a ser visto como obsoleto e opressivo, e deixá-lo em troca do

mundo virtual ou do ciberespaço parece ser o desejo, frustrado pelo peso da carne.

Para muitos, o espaço que não é material produz ou reproduz uma alma digital, um “eu” que prescinde do corpo. A moradia desse “eu” não é mais, entretanto, ao lado do Deus Pai, mas em torno do silício.

Complexas, multifacetadas e minuciosas tecnologias caracterizam a era fluida em que vivemos, encarregando-se de inscrever-nos em um ambiente onde as fronteiras consagradas entre realidade e ficção, entre experiência e representação, entre público e privado parecem desvanecer.

Não podemos perder de vista que ser jovem, em uma leitura atual, é partilhar de uma identidade juvenil – é assumir uma prática cultural. As juventudes hoje podem ser compreendidas, em larga medida, como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento.

Por desestímulos sociais, ostracismo ou relações de poder, os jovens expressam suas opiniões, sentimentos, problemas e relações de



troca através daquele que se tornou o principal meio de disseminação de muitas culturas: a internet. Com blogs e fotologs (diários virtuais), através do Orkut (site de relacionamentos), do Twitter e de outros, os jovens se encontram e compartilham das mesmas e de diferentes ideias. Cumpre aqui ressaltar certo esforço para dar visibilidade às práticas culturais produzidas, compreendendo essas práticas como as diversas ações, processos de significação e ressignificação empreendidos e/ou vivenciados pelos jovens.

Considerando os aspectos históricos da construção social, falar de “juventudes brasileiras” é falar de processos resultantes de uma conjugação específica de herança histórica com padrões societários vigentes. Nesse cenário, entre os jovens brasileiros de hoje os mais pobres são os mais atingidos por processos de desqualificação geradores de desigualdades sociais. Ainda assim, a condição juvenil, se a pensarmos como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta, tem suas especificidades.

As pesquisas educacionais permanecem muitas vezes estranhamente mudas sobre práticas correntes entre os jovens.

No Brasil a juventude parece ter ganhado espaço na mídia, nos debates públicos e nas pesquisas acadêmicas. Isso não se dá à toa. Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), cerca de 50,5 milhões de brasileiros, um quarto da população do país, têm entre 15 e 29 anos, esse grupo etário nunca foi tão numeroso.

Muitos jovens não desfrutam de seus direitos mais fundamentais. Se considerarmos o termo “cidadania” a partir de definição apresentada pelo Mini Dicionário Houaiss (2003, p.111), qual seja, “condição ou direito de cidadão”, poderemos dizer que para muitos jovens, por enquanto, ela ainda é uma cidadania incompleta em temas fundamentais.

A juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete. Assim, para pensar a condição juvenil contemporânea, devemos considerar a rapidez

e as características das mudanças no mundo de hoje. Segundo Novaes (2003), parece haver uma ampliação dos agenciamentos socializadores das juventudes, que extrapolam o âmbito da família e da escola, levando à ampliação da influência dos meios de comunicação e, mais especificamente, da internet. Apesar de serem muitos os que não têm computador em casa, os computadores de associações, centros comunitários e ONGs são reiteradamente utilizados pelos jovens.

Talvez devamos recuperar aqui que um dos objetivos deste texto passa por refletir sobre aquilo que podemos chamar de *novas cartografias subjetivas e tecnológicas*. Formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas encontradas em setores da juventude de centros urbanos. Essa reflexão ancora-se, mais especificamente, nos resultados de uma pesquisa realizada basicamente na internet, mas não apenas por meio dela, pois, ainda que os jovens possam ter transformado a internet em uma categoria fundamentalmente espacial/virtual, ela também funciona como lugar de agenciamento de encontros presenciais. Assim, embora se possa dizer que a internet possibilita o compartilhamento de determinados sentidos entre jovens de diferentes lugares, o “lugar do encontro real” continua necessário e pode ser negociado através do virtual. É nele que os jovens constroem muitas das representações sobre si mesmos, processo que envolve o uso das novas tecnologias (internet, câmeras fotográficas digitais, telefone celular) como extensões corporais



É a juventude do conhecimento e da informação que depende, quase que imperativamente, de uma caixa de mensagens sempre a conferir, diariamente, um sentido de pertencimento ao mundo.

ativas, instâncias de tráfego informativo, de composição de si.

Mesmo diante dessa realidade, as pesquisas educacionais permanecem muitas vezes estranhamente mudas sobre práticas correntes entre os jovens. Nas teorias educacionais figura, ainda, a visão equivocada de que as identidades são dadas ou recebidas e não negociadas – virtual, social, política e historicamente.

Devemos inferir disso que todo docente é um gestor cultural, conscientemente ou não. Nesse sentido, talvez a melhor “lição” que um docente possa dar aos seus alunos é a de como podem eles ser gestores de sua própria vida.

Quando pensamos em como os jovens constroem a si mesmos, parece-nos que os educadores/as fazem bem em considerar as várias possibilidades de representações da juventude na cultura popular, bem como o que essas representações podem significar em termos de luta pela juventude e por seus direitos civis. O que se sabe sobre as relações entre escolarização, currículo, cultura popular e representações tecnológicas? Parece ser preciso compreender as histórias de desejo e necessidade que teimam em existir, apesar das condições hostis.

Considerando especificidades e singularidades do momento atual, sobretudo no que se refere aos processos mediante os quais se produzem distinções – ou seja, a reprodução dos códigos e competências tecnológicas que identificam os indivíduos como parte de certa classe social –, refiro-me aos efeitos acumulados de uma transmissão cultural assegurada não mais só pela



família e pela escola (e nem mesmo pelo Estado), mas através das novas tecnologias de comunicação e informação, que, junto com o patrimônio, estão constituindo também a essência histórica. Quem será o dono desse patrimônio? Os países, a sociedade civil ou as grandes empresas?

É a juventude do conhecimento e da informação que depende, quase que imperativamente, de uma caixa de mensagens sempre a conferir, diariamente, um sentido de pertencimento ao mundo. É a juventude do conhecimento e da informação que procura uma palavra chave em enciclopédias virtuais com a segurança de que ali acessa o dado verdadeiro, a resolução da dúvida. É essa mesma juventude que escreve um texto e

transforma-o infinitas vezes, recorrendo e colando, girando sobre si por vezes sem conseguir avançar, e perdendo para sempre os caminhos dos erros em busca de uma nova formulação ou palavra.

É a juventude de nossos tempos que descobre sites “mágicos”, capazes de remeter a experiências vividas no passado, cuja lembrança chega em imagens e sons recuperados por anônimos que talvez nunca serão conhecidos. É essa juventude que fotografa os encontros familiares sem precisar de mais do que segundos para devolver aos amigos e parentes a sequência de poses e sorrisos de uma breve felicidade; que se recolhe silenciosamente ao quarto e aprende, menina adolescente, os passos seguros de como tornar-se bela e sedutora, mulher inesquecível, ou, ao contrário disso, de como participar da comunidade de criaturas bulímicas e anoréxicas. É essa juventude que localiza amigos antigos, de infância, e experimenta o fugaz sentimento de preenchimento dos vazios, e que troca bens não só materiais, mas sobretudo imateriais. Essa é a nossa juventude, uma juventude que diz, como Paulinho da Viola, “meu tempo é hoje”, e que na contemporaneidade revela conflitos culturais cada vez mais agudos e intensos. Conflitos que a política cultural convencional – restrita às artes cultas, ao folclore e ao patrimônio – não é mais capaz de resolver. ❶

* ANGELA SCHIRMER SIMÃO, formada em Pedagogia pela UFRGS, participou da Comissão Organizadora da 1ª Conferência Nacional de Juventude